

Comunicação popular: para além do bem e do mal

Lúcia Helena Mendes Pereira*

Índice

1	Comunicação Popular: A distinção	1
2	Cultura Popular, Comunicação e Movimentos Sociais: a articulação analítica	4
2.1	Cultura: contexto político	4
2.2	Cultura e Movimentos Sociais	5
2.3	Comunicação e Movimentos Sociais: o “engajamento”	6
3	Teoria e história da Comunicação Popular	9
3.1	Correntes Teóricas	9
3.2	Breve contexto histórico: um panorama contingencial	11
4	Tipologia da Comunicação Popular: em eterna construção	12
5	Considerações Finais: “Faça uma distinção e crie o mundo”*	14
6	Bibliografia	15

Resumo: Este artigo pretende sistematizar o estudo da Comunicação Popular, a partir dos estudos culturais da recepção, concebendo sua multidisciplinaridade, mas, distinguindo sua natureza de luta entre as forças hegemônicas e contra-hegemônicas.

*Jornalista comunitária, consultora em comunicação para organizações não-governamentais e mestre em Comunicação, Imagem e Informação, pela Universidade Federal Fluminense – UFF.
E-mail: luciahmp@nitnet.com.br

Trata-se de uma tentativa de superação da fragmentação teórica que confunde o percurso do aprendizado deste estudo para o estudante de comunicação social.

Palavras-chave: Comunicação Popular, contra-hegemonia, multidisciplinaridade.

1 Comunicação Popular: A distinção

A condição da comunicação como construtora e modeladora da vida social, em geral, e da vida das pessoas, em particular, coloca a importância da experiência comunicativa no patamar, dos “saberes do mundo da vida” (Habermas) ¹, os saberes da Cultura Popular². Falar de Comunicação Popular é falar do objeto central da dinâmica da Cultura Popular, de relacionamento entre pessoas e grupos, da história do povo, de memória, de

¹O conceito de Lebenswelt, como o mundo da vida, foi elaborado na fenomenologia e empregado por Jürgen Habermas em sua teoria social. Trata-se de um universo comum aceito na atividade social cotidiana, aquela que “emprega um saber comum”. Cf. Habermas, Jürgen, 1989.

²A definição de Cultura Popular aqui é a dos estudos culturais britânicos, constituindo não só as atividades que se situam nas condições sociais e materiais de grupos específicos, mas também e especialmente nas relações de tensão entre as classes populares e as classes dominantes.

oralidade e de identidade; e não de meios de comunicação, canais ou tecnologias. Trata-se, portanto, de um assunto multidisciplinar, baseado nas experiências de vida de grupos sociais, repletos de diversidades, de conflitos de desejos de mudança, de esperança e de resistência. Não se trata, de opor dialeticamente Comunicação Popular e comunicação de massa, ou Comunicação Popular e comunicação de elite. A comunicação da Cultura Popular perpassa e é perpassada por outras comunicações, por outras culturas, não há linearidade e nem sempre há fronteiras definidas assim como não há nas definições de cultura e seus infinitos fenômenos. Há particularidades, assimetria, não-linearidade, complexidade, singularidades.

Nos países periféricos ao imperialismo capitalista já firmemente instalado no Globo em nossos dias, podemos enxergar, histórica e genericamente falando, similaridades nos percursos da Comunicação Popular. Justamente quando predominava a negação da plenitude da cidadania à maioria das populações destes países – à época das ditaduras – proliferavam também diversas iniciativas, vozes de comunicação resistentes que foram denominadas, as vezes, pejorativamente, de “comunicação alternativa”, “comunicação nanica”, “comunicação sindical”, “comunicação de base”, “comunicação comunitária”, e etc. Isto aconteceu porque **o significado da Comunicação Popular se inscreve no seio das dinâmicas sociais e não apenas nas transformações técnicas sofridas pelas sociedades.**

Agora, no despertar do terceiro milênio já podemos observar melhor o processo pelo qual passou este tipo de comunicação mediada pela contingência do desenvolvimento dos meios tecnológicos como um todo, e do

Capitalismo em particular, desde meados do século XX. Uma “observação de segunda ordem”, como diria Niklas Luhmann³, que não exclui entretanto, terceiras, quartas e infinitas ordens de outros olhares que já se manifestam no mundo teórico e prático da comunicação. Este artigo, portanto, é assumidamente um destes olhares, uma interpretação, uma escolha da autora.

A conceituação do termo “Comunicação Popular”, que abrange todas as nomeações tipológicas usadas no passado, é adequada no geral, mas, o que há de verdade em todas elas, é o conceito dinâmico de relação dialética de poder: a relação povo – anti-povo. Isto sintetiza um problema central. Às vezes por “povo” compreendemos o composto das classes subalternas em contraposição com as classes mais favorecidas economicamente; outras vezes, entendemos povo numa noção bem mais ampla, como por exemplo, quando o povo brasileiro retirou o presidente Collor do poder, a relação aqui era povo brasileiro – equipe da elite executiva de poder. Não há como definir a Comunicação Popular *ipsi litere*, podemos apenas dizer que tem um caráter de oposição ao *status quo*, que está intrinsecamente ligada aos desejos de mudança, a um reflexivo tempo presente entrelaçado com um tempo futuro. Historicamente os estudos da Comunicação Popular revelam abordagens fragmentadas. Primeiramente, referiam-se a uma comunicação simples, de circulação limitada, produzida quase artesanalmente; depois referiam-se ao conteúdo das mensagens, seriam aquelas de

³Cf. Luhmann, Niklas, 1984. A observação de segunda ordem na teoria social deste autor é a observação após um certo distanciamento do fenômeno ocorrido que, portanto, já interpreta incluindo observador e observado nesta interpretação.

expressão dos interesses populares; mais recentemente ainda, nem os meios técnicos e nem os conteúdos definiriam a Comunicação Popular e sim os seus processos de criação conjunta, dialógicos e de rompimento com a ordem do capital. Mas todos concordam com o fato de ser um instrumento democrático, de conscientização, de mobilização, de educação política e manifestação cultural de um povo ou um grupo. As análises assim compreendidas devem estar sempre vinculadas à luta por esta conscientização e integrada num processo de resistência e expectativa por uma nova sociedade.

Esta definição da Comunicação Popular é, portanto, um princípio estruturador dessas forças que nos permite pensar para além das análises utilitaristas ou funcionalistas que vinham sendo desenvolvidas pela Teoria da Comunicação desde a metade do século XX – e continuam sendo em muitos casos –, para pensarmos a comunicação como fundamento fenomenológico de articulação entre o sujeito e sociedade. Visão, portanto, sistêmico-construtivista, que enxerga os processos comunicativos do popular como processos dialógicos construídos no embate de forças hegemônicas e contra-hegemônicas (Gramsci, 1976) nos cotidianos dos inúmeros contextos sociais na construção da vida em comum. É claro que isto envolve muita complexidade, não só para as análises científico-acadêmicas, mas principalmente, para o desenvolvimento das ações planejadas da comunicação em sua *práxis social*, porque envolve uma mudança de paradigma muito forte para a sociedade de massas: comunicação e todo o seu aparato tecnológico atual não é mais uma técnica da vida em comum, ela é a vida em comum na contemporaneidade. Então, o fundamental para além desta

complexidade é trazer de volta o sujeito para o centro de suas ações, através da noção de co-responsabilidade e participação na construção da vida em comum. É esta a possibilidade da Comunicação Popular para a construção de uma Cultura verdadeiramente democrática em tempos de Cultura de Massa. As outras possibilidades assim são as da comunicação dominante, comunicação imperialista, comunicação de elite, comunicação hegemônica, comunicação totalizadora, comunicação homogeneizadora, comunicação persuasiva; para continuarmos em nosso pensamento dialético. A partir daqui não se trata mais de definir a Comunicação ou a Cultura Popular, trata-se sim de se fazer uma **distinção**:

“Cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada; é o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta. É a arena do consentimento e da resistência. Não é a esfera onde o socialismo ou uma cultura socialista – já formada – pode simplesmente ser expressa. Mas é um dos locais onde o socialismo pode ser constituído. É por isso que a cultura popular importa. No mais, para falar a verdade, eu não ligo a mínima para ela.” (Stuart Hall, 2003)⁴.

⁴Cf. Hall, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais, 2003. Pg. 263

2 Cultura Popular, Comunicação e Movimentos Sociais: a articulação analítica

2.1 Cultura: contexto político

A intenção política de compreender a vida social através da cultura, é a de compreender como as idéias sociais surgem e se cristalizam numa formação social particular de modo a poder “*informar a luta para mudar a sociedade e abrir caminho rumo à transformação socialista da sociedade*” (Hall)⁵. Teoria e prática se aproximam no projeto dos Estudos Culturais e seu método plural de escuta crítica da recepção embasada nos deslocamentos teóricos gramscianos pós-marxismo: uma formação discursiva emergente do cotidiano dos povos ou grupos.

A segunda metade do século XX foram anos históricos de grande importância para as ciências tecnológicas, humanas e biológicas. As ciências humanas vinham afirmando seus campos de estudo, suas fronteiras na busca por legitimação, especialização, diferenciação; durante o século e décadas anteriores, quando começa o que chamo de “processo de convergência”, como veremos adiante. As ciências tecnológicas dão um enorme salto em seu desenvolvimento através da Física, permitindo o surgimento das muitas tecnologias comunicacionais de nossos dias. A Biologia experimenta uma grande transformação epistêmica quando passa a considerar que os organismos vivos e seus ambiente co-existem, ultrapassando uma visão mecanicista da vida. Os biólogos Maturana e Varela anunciam a abordagem sistêmica biológica, definindo a

vida como um processo *autopoietico*, auto-organizativo numa dinâmica contínua dos seres vivos enquanto interagem com o meio ambiente em que vivem⁶. Uma teoria capaz de proporcionar o estudo dos seres vivos a partir de suas relações fundando o inimaginável: a aproximação entre a Biologia, a Sociologia, a Antropologia – como veremos a seguir – e ainda, a Comunicação entrelaçamento entre ações biológicas e sociais através da linguagem. Enquanto isso, a Antropologia, através do pensamento de Claude Lévi-Strauss⁷ se opõe ao pensamento da maioria dos antropólogos que separam os aspectos biológicos dos aspectos sociais e psicológicos. Lévi –Strauss mostra que as colaborações dos estudos desenvolvidos entre geneticistas e etnólogos puderam demonstrar que as relações entre evolução orgânica e cultural são análogas e complementares; suscitando que não há aptidões inatas, como preconizavam as teorias fundamentadas por estudos biológicos anteriores, que acabavam por defender as desigualdades sociais, já que estas eram consideradas naturais. A diversidade de culturas varia, portanto, conforme as especificidades geográficas, históricas e sociológicas; e não às características anatômicas ou fisiológicas. Antropologia, Sociologia, Biologia, Linguística e Comunicação se aproximam: dá-se o processo de convergência epistemológica dito acima.

As contribuições do antropólogo mostram

⁶Autopoiese, termo grego que significa auto-organização, resgatado pelos biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela para definir a capacidade dos seres vivos em constante relação com o ambiente.

⁷Cf. Strauss, Lévi, 1983. O antropólogo rejeita o relativismo cultural e sua conseqüente oposição entre natureza e cultura.

⁵Ibidem Hall. Pg. 261.

aspectos significativos para a compreensão dos conceitos de corpo, natureza e cultura: a passagem da ordem da natureza à cultura e a crítica à hierarquização cultural. Ao recusar a idéia de que os homens tenham vivido em estado de natureza somente, compreende que até mesmo o homem de Neandertal não pode ter sido considerado como vivendo no puro estado de natureza, por já possuir cultura. Entretanto, para Lévi-Strauss (1976), não existem possibilidades de saber em que momento os fatos naturais se transformam em culturais; e sim, somente como eles se articulam através das suas comunicações. “A comunicação que revela o que a hierarquia esconde”⁸, que o controle social não é realizado por um grupo, ou um sistema social sobre outros, e sim que existe um controle mútuo e um auto-controle de qualquer sistema social. Para tanto, o sistema busca no que é universal o critério de natureza, e em tudo o que está ligado a uma norma específica, a uma regra, à cultura. Lévi-Strauss, ao rejeitar o relativismo cultural e sua conseqüente oposição entre humanidade e animalidade, natureza e cultura, critica a hierarquização das culturas e defende que esta posição não é concebível; justamente pelo fato de que cada cultura ao possuir originalidade, é capaz de contribuir com a humanidade.

Assim, chegamos ao ponto que nos interessa neste artigo: nenhuma cultura é melhor do que outra e, é justamente na originalidade de cada uma, que somos capazes de assistir ao que há de universal entre elas. Todos os homens, ao tentarem resolver seus problemas e perspectivar valores, procuram utilizar o que há de comum entre eles: a linguagem. É através da linguagem e suas infinitas di-

mensões: a linguagem das técnicas, das artes, dos ritos e eventos, das crenças religiosas e das organizações sociais, econômicas e políticas dos seus valores, que sua vida em comum e individual será construída. Isso institui a visão holística de civilização mundial, formada por todas as ligações comunicativas possíveis entre as culturas, com cada uma, no entanto, dependendo da preservação de sua originalidade. O sociólogo alemão, Niklas Luhmann⁹ vai mais longe, vai buscar na teoria da *autopoiese* dos biólogos chilenos, a base para a construção de sua teoria social: a “Sociedade da Comunicação”¹⁰, em contraponto ao termo que nos era corriqueiro, “Sociedade da Informação”, vendo o sistema social como o conjunto de todas as comunicações possíveis.

2.2 Cultura e Movimentos Sociais

Entendo que a partir do Capitalismo, temos uma cultura capitalística, para usar a terminologia de Felix Guattari¹¹, temos uma cultura que instaura um modo de dominação e controle dos sistemas sociais como um todo, no mundo, na pretensão da instauração do “pensamento único” no qual toda a vida é pautada para o desenvolvimento e a manutenção do mercado. Então, a partir da distin-

⁹Niklas Luhmann desenvolve uma teoria social sobre as bases da teoria autopoietica da biologia de Maturana e Varela. Em Luhmann sistema social e ambiente coexistem e se transformam mutuamente. Uma teoria que permite trabalhar a complexidade da arquitetura social.

¹⁰O termo “Sociedade da Comunicação” é usado por Luhmann ao entender a comunicação como construtora da sociedade.

¹¹Cf. Guattari, Felix & Suely Rolnik. Micropolíticas - Cartografias do Desejo, 2000.

⁸Cf. Stockinger, Gottfried, 2003. Pg 26

ção feita na introdução deste artigo, Movimentos Sociais, em nosso contexto político atual, são reações advindas das mais diversas culturas, inclusive da própria cultura dominante em seu estado de mal-estar civilizatório¹², a Cultura do Pensamento Único - CPU. Movimentos sociais são manifestações de grupos, camadas ou povos inteiros com firme desejo de interferir em seus processos históricos, desejo bem explícito na frase popular “o desejo de tomar a vida nas próprias mãos”. Desejos que surgem de experiências comuns, do apego a da esperança do sentimento de “não estar só no mundo” emergem como contra-ponto aos princípios do Capitalismo desde sua fase concorrencial, até a sua fase atual, a fase imperialista¹³. São, portanto, movimentos populares de inconformismo com algo que lhes é imposto, retirado ou negado no sistema social em que vivem.

2.3 Comunicação e Movimentos Sociais: o “engajamento”

A partir do surgimento da Indústria Cultural, e sua produção, a Cultura de Massa, uma “corrente otimista” do pensamento social, passa a ver nesta indústria a possibilidade de ampliação dos espaços populares, a arena da luta que, mesmo em condições

¹²Expressão retirada do clássico de Sigmund Freud, “O Mal-estar na Civilização”.

¹³Cf. Negri, Antônio e Hardt, Michael. 2001. O imperialismo contemporâneo como projeto constitucional dos EUA em plena expansão no processo da Globalização, que instaura uma soberania diferente da que estamos acostumados a entender, onde estados-nação não estão mais no centro do poder. O imperialismo pós-moderno tem fronteiras flexíveis possibilitadas pelo poder das mega-corporações transformando as noções de povo, nação e soberania.

absolutamente desiguais, ainda assim é local de embate e de possibilidades para as forças e reivindicações populares. A comunicação/cultura popular como matéria-prima dessas manifestações, teriam agora além da praça, dos redutos associativos, das ruas, também os meios de comunicação como espaços de expressão de suas culturas. Saem da oralidade, da inter-relação pessoal para os meios técnicos e todas as suas possíveis intermediações políticas com as culturas dominantes. Estes autores resgatam as idéias políticas de Gramsci (1891-1937) que, além de ser o grande cientista político de nossa era possibilitando e ampliando o marxismo no pensamento contemporâneo; observa a Cultura Popular pela relação com as culturas que nela se interpenetram, buscando a relação do caráter contra-hegemônico do popular com o caráter hegemônico das culturas dominantes – **a distinção**. Para ele, o que constitui o caráter popular de uma expressão cultural é a relação histórica, de diferença ou de contraste, diante de outras expressões culturais. O que realmente aparece de novidade, portanto, no pensamento desses autores é a não separação da cultura popular de todas as outras, não há cultura pura, ingênua ou “imaculada”, não havia antes da chegada da Televisão e muito menos há agora.

A articulação das análises entre movimentos sociais, comunicação e cultura popular é então, a complexa fórmula que se expressa em **“engajamento”**, a palavra-chave usada por Stuart Hall na citação acima. Através dos processos comunicativos emanados dos diversos movimentos sócio-culturais, cujos fluxos transpassam-se entre si em contínua sinergia, inclusive nos meios de comunicação, encontramos o campo de forças das relações de poder e de dominação culturais.

Esta visão nos impede de separar cultura e política, ou cultura e economia, como vínhamos fazendo nos estudos orientados por uma “excelência da especialização” difundida e legitimada no percurso cultural-científico do pensamento pós-revolução industrial. Aqui, portanto, não cabe um pensamento linear e tampouco utilitário ou funcionalista da comunicação. Cabe sim a aproximação e a apreciação das diversas representações, culturais, políticas, comunicativas, enfim sociais e lingüísticas, como percebe Tavares numa “nova pedagogia que inteligencie e seriamente analise, a força da narrativa, dos discursos, dos contextos e dos eventos comunicativos”¹⁴. Esta é a proposta dos Estudos Culturais Ingleses, desenvolvidos originariamente na Escola de Birmingham, explica o professor - antropólogo: “*Ampla campo que abraça textos e práticas, que percorrem desde a musica étnica e popular, a multimedia e ao cibernspace, com a finalidade de promover renovações de foco, ampliação de contexto, reconfiguração dos sujeitos no horizonte da vida social*”.¹⁵

Sob esta influência dos Estudos Culturais Ingleses, que vincula comunicação e cultura, e define a **cultura como construída nas relações de natureza psicofísicas comunicativas**, o foco muda dos meios para as mediações, e surgem as análises das mediações sociais através da comunicação. Análises que criticam a concepção de Cultura de Massa, concebida apenas como uma comunicação-mercadoria, uma comunicação que mantinha o ator social como ente passivo no processo de construção de sentido de sua própria vida.

¹⁴Tavares, Julio César. *Ciência da Comunicação e Teoria Social*. 2004 Não publicado.

¹⁵Ibidem Tavares, 2004.

Nascem então, os Estudos da Recepção desenvolvidos na América Latina, cujo percussor é Jesus Martin Barbero em sua obra “*Dos Meios às Mediações*” (1987). Barbero define recepção como lugar não de consenso, mas de conflito e de negociação. A relação entre meios de comunicação e audiência, é a relação de dois ativos, não há passividade na recepção.

Esta concepção de comunicação aniquila por completo a visão de que a Comunicação mediada pelos meios eletrônicos é totalizante da realidade social. Mas tal concepção, e sua importância política caracterizada pela escolha do foco de análise no âmbito da recepção, não deve significar o abandono do estudo dos meios de comunicação, e sim de entender que há mediações também nas produções midiáticas. Os meios também têm culturas próprias, sedimentadas a partir de suas diversas linguagens técnicas: a linguagem imediatista do rádio; as imagéticas da televisão, que se difere da linguagem do cinema; as muitas linguagens dos meios impressos e agora; a linguagem cibernética binária, e não apenas “veículo de linguagem”. Agora podemos ver porque a interpretação dominante sempre separou a produção e consumo cultural, deixando a Cultura Erudita com a elite e a Cultura Popular ou Subalterna com o povo, incluindo, apenas, com o desenvolvimento da Indústria Cultural uma terceira via: a Cultura de Massa, a cultura da comunicação-mercadoria interpretada de forma preconceituosa separatista. Antes do surgimento da Indústria Cultural, já tínhamos a dominação sendo exercida através da cultura e de sua mercantilização, a diferença estava em se constituir em uma mercadoria para poucos, e agora, pelo menos teorica-

mente, se constitui numa mercadoria para todos.

Reconhecer a característica da Comunicação Popular e suas intersecções entre as três instâncias da cultura foi, pois, um avanço político. Avanço porque nos permite a ampliação do olhar, que coloca em cena um enorme campo interdisciplinar de estudos voltados para as práticas da comunicação na cotidianidade, devolvendo o sentido social à prática e aos estudos da comunicação em si. Ou seja, podemos unir o que jamais caminhou separado: movimentos sociais, cultura e comunicação. A Comunicação agora pode ser compreendida considerando os eventos sociais que tanto a produz, quanto a constitui. Sem dúvida, esta é uma contribuição para a compreensão Comunicação Popular e também da conscientização da enorme complexidade dos estudos que temos pela frente para desvendar o que a transversalidade cultural dos movimentos populares faz, nos sempre novos contextos sociais.

Assim as duas linhas de pensamento citadas – os Estudos Culturais¹⁶ e os Estudos da Recepção¹⁷ –, são complementares para o desenvolvimento de análises da alta complexidade das subjetividades dos povos latinos. Dos Estudos Culturais Ingleses contamos com importantes referências, conceituais e metodológicas, através de sua abordagem interpretativa psicofísica, da não-separação en-

¹⁶Os Estudos Culturais nasce na Escola de Birmingham, no início dos anos 60 e tem como principais percussores do pensamento da cultura popular, Stuart Hall (1932), Richard Hoggart (1918), Edward P. Thompson (1924-1993) e Raymond Williams (1921-1988), entre outros.

¹⁷Os estudos latinos da Recepção congregam os pensamentos de Jesus Martin-Barbero, Nestor Garcia Canclini, Orozco Gomes, entre outros.

tre corpo e psique. Dos Estudos da Recepção recebemos uma especial contribuição para entendermos nossas peculiaridades sociais e históricas nas construções subjetivas de ampla diversidade, dos nossos muitos “populares”¹⁸ tão diferentes do “popular das classes trabalhadoras inglesas”, alvos de referência dos culturólogos britânicos, Stuart Hall ou de Richard Hoggart, por exemplo.

Mas as descobertas reflexivas dos últimos cinquenta anos fizeram desabrochar muitos pensamentos contributivos para a política e analítica entre movimentos sociais e cultura através do estudo dos processos comunicativos. A partir dos anos 70, surgem uma profusão de análises oriundas das mais variadas vertentes do pensamento mundial, que vão se alocar nos estudos da comunicação. A intertextualidade é extensa e dinâmica. Em relação ao nosso tema, podemos citar o resgate da obra de Mikhail Baktin (1895-1975), - e sua formulação “dialógica da linguagem”¹⁹ - pelos chamados “analistas do discurso” como uma importante referência para os estudos das culturas populares. Os mergulhos dos pensamentos de Michel de Certeau²⁰ na cotidianidade; de Pièrre Bourdier e sua “economia das trocas simbólicas”²¹; de Clifford Geertz²² e sua definição de cultura como “uma rede complexa de significações” onde os enunciados discursivos e comportamentos

¹⁸Cf Canclini, Nestor G. Não há um “popular” e sim muitos “populares” diante do hibridismo social atual

¹⁹Cf. Baktin, Mikail.. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 1992.

²⁰Cf. Certeau, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. 2002.

²¹Cf. Bourdier, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 1998.

²²Cf. Geertz, Clifford. *A Interpretação das Culturas*, 1978.

sociais têm significação concreta; de Felix Guattari ²³ na sua diferenciação profícua entre macro e micropolítica e seus desvelamentos pertinentes da “psicologia da dominação” (grifos meus) no Capitalismo Mundial Integrado; do retorno à filosofia da coexistência entre homem e natureza, de Merleau-Ponty (1908-1961)²⁴, que foi tão cara a Luhmann²⁵ no desenvolvimento da teoria social *autopoietica*; de Paulo Freire na obra “Pedagogia do Oprimido” ²⁶, sobre a comunicação na educação e etc.

3 Teoria e história da Comunicação Popular

3.1 Correntes Teóricas

Para sistematizarmos melhor o estudo da Comunicação Popular, tentando ultrapassar as dificuldades imprimidas pela fragmentação teórica que é peculiar ao tema, possuímos hoje no Brasil, a contribuição especial de Cicília Peruzzo em sua obra “Comunicação nos Movimentos Populares” (1998)²⁷. Esta autora resume em três, as correntes de pensamento teórico da Comunicação Popular, a saber: os estudos do popular-folclórico, do popular-massivo e do popular-alternativo.

Na primeira corrente, Peruzzo encontra os estudos da comunicação popular que “...abarca o universo das expressões culturais tradicionais e genuínas do povo, pre-

sentes em manifestações folclóricas, festas, danças, ritos, crenças, costumes, objetos e etc”.²⁸ São análises que não consideram a dinâmica da cultura e que muitas vezes representam apenas a forma como a elite olha o diferente ou o distante, pressupondo pureza nestas manifestações.

A segunda trata a Comunicação Popular inscrita nos meios de Comunicação de Massa, tanto da incorporação das suas linguagens, como de produtos de grande penetração (programas que são ‘fenômenos de audiência’), como os programas massivos que tratam das problemáticas comunitárias (os programas de utilidade pública). Esta corrente pressupõe uma comunicação massiva como sendo intrinsecamente popular, não considerando as naturais impurezas da Cultura Popular e da Cultura de Massa, sua transversalidade e assimetrias de produção e compreensão; além de considerar o aspecto difusionista da comunicação, como sendo a principal característica transformadora.

A terceira corrente é a que nos importa. Peruzzo a nomeia de “popular-alternativa”, para falar da comunicação produzida e produtora no e do contexto dos movimentos sociais, citando Canclini: “trata-se de uma nova maneira de pensar o popular, ligando comunicação e cultura” ²⁹. A comunicação popular-alternativa segundo a autora, passou por duas fases distintas, uma nos anos 80 e outra na década subsequente. A primeira fase seria conseqüente da empolgação gerida após a virada epistemológica descrita acima, e suas influencias nos estudos da comunicação. Trata-se de uma empolgada forma de entender a comunicação como principal via

²³Cf. Guattari, Felix & Sueli Rolnik. Cartografias do Desejo, 2000.

²⁴Cf. Ponty, Merleau. Phenomenologie de la Perception, 1945.

²⁵Cf. Lühmann, Niklas. Sistemas Sociales – delimitamentos de uma teoria general, 1989.

²⁶Cf. Freire, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 1970.

²⁷Cf. Bibliografia

²⁸Cf. Peruzzo, Cicília, 1998. Pg 118.

²⁹Ibidem Peruzzo. Pg 119.

de transformação social e cultural. Uma fase que apresenta a comunicação popular como agente revolucionador, que se concretizaria no seio social e, através da proliferação dos meios de comunicação alternativos, comunitários entraria em confronto com os meios de massa. Depois, diante das dificuldades evidentes na nossa configuração multicultural, da diferença entre as naturezas do tempo nas transformações culturais populares e o tempo produzido pelas culturas tecnológicas dominantes, a empolgação se retrai e os estudiosos compreendem o quanto é contraproducente contrapor comunicação massiva e comunicação popular. Trata-se de uma comunicação que é *‘realizada pela sociedade civil, que se constitui historicamente e, portanto, é capaz de sofrer as metamorfoses que o contexto lhe impõe’*.³⁰

Usando nosso habitual pensamento dialético, encontramos as análises do professor americano, James Carey³¹, que resgata do pensamento de John Dewey³², as origens históricas do termo “comunicação” em duas perspectivas: a de transmissão da comunicação e a ritual da comunicação. A primeira mais corriqueira no nosso pensamento ocidental está ligada aos desejos humanos de controle do tempo e de pessoas originária da religião e seu entrelaçamento com o poder: *“O significado moral do transporte,..., foi o estabelecimento e ampliação do reino de Deus sobre a terra”*³³. A segunda, bem me-

nos hegemônica em nosso pensamento ocidental, é a mais antiga, e está representada no prefixo “comum” do termo comunicação, ligado a compartilhamento, à participação, à associação entre pessoas, orientada para a manutenção e ordenação da sociedade no tempo. Também de origem religiosa (retendo a posse da fé comum), porém, não no papel de controle do sermão, da instrução; mas no papel da prece, do canto, da cerimônia, do sentimento comum, do alento, de auto-conhecimento e alter-reconhecimento.

O que se faz importante saber nestes estudos, portanto, são os esforços voltados para a elaboração de canais de participação da sociedade que encontrem tantos nos meios de massa, como nas novas tecnologias, condições de ampliação de suas reivindicações ou expressões e criações de vida. Mas não só. É imperioso ainda que o espaço local seja trabalhado em suas totais possibilidades para a melhoria das condições de vida no cotidiano das pessoas. Há que ser desenvolvido canais particulares auto-gestionados pelos grupos sociais particulares, próximos ao “mundo da vida plural”, o fenótipo social do brasileiro que, a cada novo encontro, como no processo da meiose celular, se auto-organize ou se auto-reorganize continuamente. Tais forças contra-hegemônicas da comunicação sob a distinção de sua luta cotidiana são assim capazes de alcançar espaços nos meios hegemônicos de massa, mas muito mais: são a única maneira de fazer a vida voltar a ter sentido.

Esta distinção da comunicação popular transforma substancialmente o papel do comunicólogo. Os jornalistas, assessores de

of transportation,...,was the establishment and extension of God’s kindom on earth). Pg. 16

³⁰Idem Peruzzo, 1998. Pg. 119.

³¹Cf. Carey, James, *Communication as Culture*, 1989.

³²John Dewey foi um filósofo da educação de grande expressão nos EUA. Seu pensamento enfatizava a natureza social do processo educativo relacionando escola e sociedade através da comunicação

³³Cf. Carey, James, 1989. (The moral meaning

imprensa, relações públicas e tantas outras sub-divisões funcionais da profissão, são aqui os “facilitadores das mediações”, “a interface entre as linguagens populares e as linguagens tecnológicas”, o que exige muito mais sensibilidade, percepção, criatividade e ética, do que se exigia dos “autores” ou “vendedores” de conteúdo das comunicações-mercadorias de massa. Trata-se portanto, de “abraçar a causa”, de engajamento, termos que já haviam sido esquecidos depois do impacto das teorias críticas de pensamento apocalíptico do Fim da História³⁴.

3.2 Breve contexto histórico: um panorama contingencial

No Brasil, os 21 anos de ditadura, somados aos séculos anteriores de colonização e escravidão, que proibiram o desenvolvimento da Comunicação Popular no país, deixaram seqüelas profundas para o surgimento de uma cultura de participação política das classes populares. Soma-se a isso ainda, que após o golpe militar em 1964, os jornalistas passaram por um verdadeiro “exílio profissional”.³⁵ Mas foi também, e por isso mesmo, a época do auge da Comunicação Popular impressa, dos “jornais independentes”, dos “jornais revolucionários”, da imprensa dos partidos proibidos, da influência trotskista que chega primeiro através do Jornal “Em

³⁴Em alusão ao livro de Francis Fukuyama, “O Fim da História e o Último Homem” que fez sucesso nos EUA em 1990.

³⁵Expressão usada por Bernardo Kucinski em sua obra “Jornalistas e Revolucionários”, na identificação histórica de uma linhagem de jornalistas que ficaram desempregados com o fechamento de vários meios de comunicação à força da repressão depois do golpe militar de 1964.

Tempo” e depois no jornalismo de “O Trabalho”³⁶ e das inúmeras tentativas de reorganização regionais dos “jornais basistas”: a **reação**.

Em 1980, a ditadura acaba no tempo da cultura dominante, ou seja, é anunciado o seu término na TV, em tempo “real”. O país mergulha nas eleições diretas elegendo o candidato da Rede Globo de Produções, do “partido de um homem só”, da ‘cultura de massa’. As conseqüências desta ação social (a eleição), leva a turbulências sociais que faz com que a sociedade brasileira fique envergonhada dos escândalos políticos que posteriormente ganham as audiências globais. E, no tempo do desengano (tempo da cultura popular) deste período emergem os “caras pintadas”, signo que mistura o desagrado das elites pós-confisco com a vergonha sentida pelo movimento estudantil, que nos leva ao *impeachment* de Collor. É também o período do auge da primazia da televisão de massa, nos moldes importados da cultura americana dos meios massivos, da monopolização dos meios, em nosso caso, especialmente pelo monopólio da Rede Globo de Produções.

O mercado para os jornalistas e comunicadores em geral, desta época, se restringe os poucos postos de trabalho nos meios de comunicação de massa, a serviço da ideologia mundializada do capital. E assim, todo um trabalho de reconhecimento dos inúmeros contextos sociais brasileiros, são deixados de lado, ficam invisíveis. São significados trancados em sentimentos individuais e grupais de forças contra-hegemônicas paralisadas pela violência pós-golpe, com sé-

³⁶Cf. Kucinski, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários*, 1991. Pg 113.

rias dificuldades em formar elo com novas fontes de desejo que majoritariamente se encontram em estado alienação política, pós - “abertura”.

Mas, já no final dos anos 80 e início dos anos 90, especialmente após a saída de Collor, surgem novas estruturas sociais, organizadas “por baixo e de fora” das instituições do Estado. Os desejos contra-hegemônicos dos brasileiros excluídos encontram-se com os movimentos universalistas que se acumulam no globo. São os movimentos pelos direitos humanos, de preservação do meio-ambiente no planeta, do direito à diferença de raça e gênero, muito provocados pelo intenso processo globalizador do capital, oportunizado por novas tecnologias comunicacionais, pela migração imposta pelo aumento da exclusão no Capitalismo, fundamentalmente no hemisfério sul do planeta.

Nasce o chamado Terceiro Setor, para identificar ações sociais independentes do primeiro setor, o Estado, e se contrapor ao exarcebado poder do segundo setor, o Mercado. Tais movimentos encontram a Comunicação Popular no Brasil engatinhando. A prova disto é a quantidade de ONGs – Organizações Não Governamentais – em busca de comunicadores que ajudem na construção e ampliação de seus ideais convivendo com outras tantas, descrentes das virtudes da comunicação para tal tarefa em consequência dos frequentes fracassos sofridos ao fornecerem lugar para profissionais treinados e impregnados de técnicas para a transmissão do pensamento único. Parafraseando Kucinski, agora o exílio, é da própria Comunicação Popular.

Podemos reparar ainda que a hegemonia aparente nos movimentos sociais no Brasil, tem a face das culturas mais participativas

(que vêm de fora, como dito acima) e estas se interrelacionam com movimentos endógenos de grande diversidade (que vêm de dentro, ou de baixo), em constante transformação *autopoietica*. As comunicações geridas por estes movimentos têm conseguido melhor articulação entre lideranças e com a mídia de massa, através da Internet, como exemplificam alguns movimentos que ganham amplas dimensões, nas mídias eletrônicas mundiais, como é o caso do MST. Mas a Internet ainda não se constitui um espaço meramente inclusivo das comunicações populares, mediante a desigualdade em seu acesso; portanto, a urgência reflexiva continua sobre televisão, como o principal meio de massa para o alcance dos mais diversos ideais. As lutas travadas pelo Fórum Nacional pela Democratização das Comunicações – FNDC – no país desde a década passada, têm conseguido alguns resultados, como as legislações para as concessões dos canais de TV a cabo gratuitos e locais³⁷, mas há muito por fazer e muito por vir desta veloz transformação tecnológica já costumeira em nossos dias.

4 Tipologia da Comunicação Popular: em eterna construção

Já vimos que a comunicação popular é produto e produtora dos mais diversos movimentos sociais e suas inúmeras relações culturais em constante transformação. Mas agora o leitor deve estar se perguntando: como afinal podemos identificar a comunicação popular? A resposta está em não separar a comunicação da distinção que já fizemos, e repetindo, da luta do povo pela condução da própria de vida. Pensando assim, há tan-

³⁷Cf. na Internet: <http://www.fndc.org.br>

tas comunicações populares enquanto houver conflitos, impedimentos, controles, coações, conduções. Os olhares, portanto, são sempre interpretações de, usando a teoria de Lühmann, observações de segunda ordem³⁸. No entanto, as comunicações populares possuem traços comuns identificáveis bastante úteis para as análises, como mostrou James Carey em sua perspectiva ritual da comunicação:

*“...se o caso arquétipo da comunicação sob a perspectiva de transmissão é a extensão de mensagens através da geografia com o fito de controlar, o caso arquétipo sob a perspectiva ritual é a cerimônia sagrada que congrega pessoas no companheirismo e comunidade”.*³⁹

Assim, Carey explica que numa análise da mídia impressa, por exemplo, enxergar o que um jornal tem de comunicação popular é descobrir como sua percepção particular de mundo é retratada e confirmada, pois a leitura e a escrita das notícias são atos rituais e dramáticos, que envolve produtor e leitor em contínua transferência de papéis. Não é, portanto, procurar o que esta leitura tem de envio ou ganho de informações, embora isto evidentemente ocorra, trata-se muito mais de perceber o atendimento e o incômodo que

³⁸Cf. Stockinger, Gottfried. A Sociedade da Comunicação, 2003. Pg.117.

³⁹Cf. Carey, James, 1989. (If the archetypal case of communication under a transmission view is the extension of messages across geography for the purpose of control, the archetypal case under a ritual view is the sacred ceremony that draws persons together in fellowship and commonality) Pg.18

faz aos leitores: “*Não encontramos questões sobre o efeito ou funções das mensagens como tal, mas o papel de apresentação e envolvimento na estruturação da vida e tempo do leitor*”⁴⁰. Carey compara as notícias com rituais religiosos, pois elas mudam pouco e continuam satisfatórias (como os ritos religiosos), desempenhando poucas funções e continuando a serem habitualmente consumidas. Trata-se de analisar a leitura deste jornal, com o distanciamento do observador de segunda ordem, para vê-lo como um texto, um romance, um drama, uma apresentação da realidade que dá a vida forma, ordem e harmonia. O que há de popular numa notícia é o drama que não descreve a realidade e sim retrata a arena de forças nesta ação dramática que só existe no seu momento histórico, convidando a participação do leitor, ao tocar no seu cotidiano.

Vale enfatizar aqui, portanto, que a perspectiva ritual da comunicação não nega ou anula a perspectiva de transmissão da comunicação. E esta diferenciação pode ser observada em qualquer meio de comunicação. Evidentemente, ela é mais abundante nos meios mais próximos do cotidiano social como as rádios comunitárias, os jornais alternativos, o teatro mambembe, o bloco carnavalesco do bairro e etc. É mais escassa no Jornal Nacional, por exemplo, mas mesmo este programa pode utilizar a perspectiva popular da comunicação, às vezes até de forma inconsciente, como na linguagem corporal do âncora, por exemplo. Não há como separar comunicação popular das outras comunicações. Trata-se de evidenciar sua diferença

⁴⁰Cf. Carey, James, 1989. (We do not encounter questions about the effect or functions of messages as such, but the role of presentation and involvement in the structuring of the reader’s life and time). Pg 21

com o fim específico de promover a distinção: a eterna luta do povo na construção de sua vida em comum. É claro que assim, a tônica da recepção deve estar sempre em alta nas análises.

Há tantas comunicações populares quanto há movimentos populares. Em cada caso desenvolve-se linguagens comuns facilmente identificáveis por seus sujeitos participantes em qualquer lugar do mundo. O cenário social atual é prolífero em muitos tipos de movimentos, que continuarão se multiplicando ou se re-criando, quanto mais acirrada se torna a luta. São movimentos que vão desde o envolvimento na questão da posse da terra, dos bens de consumo coletivo, das questões trabalhistas; até os relacionados com as condições gerais de vida, à defesa dos direitos humanos ou a qualquer problema específico que surja no cenário do embate ou na necessidade da resistência.

Em relação aos meios eletrônicos de difusão da comunicação popular no Brasil, devemos destacar a já histórica luta das chamadas Rádios Livres que até hoje, apesar da legislação vigente, continuam perseguidas, especialmente pelos representantes da Indústria Cultural, vendedoras dos produtos fonográficos produzidos em larga escala pelas gravadoras multinacionais. Outro destaque é para os esforços do Fórum para a Democratização da Comunicação no Brasil, que acompanha o longo e conturbado processo de discussão que passa o Conselho de Comunicação Social, desde sua criação, em 1991, sua paralisação em 1997, e a retomada em 2001. Até agora, o Fórum ao participar da criação da legislação da TV a cabo, conseguiu abrir caminho para maior democratização da comunicação através desta tecnologia que, no entanto, ainda se restringe a audiências das

classes mais abastadas, ou seja, os assinantes de TV a cabo⁴¹.

5 Considerações Finais: “Faça uma distinção e crie o mundo”*

Compreender a Comunicação Popular através da distinção da luta povo - anti-povo significa a atribuição de significado ao “ruído social” na comunicação. E, portanto, nossa limitação de saber está intrinsecamente ligada às nossas limitações de atribuir sentido e significado ao mundo⁴², às nossas limitações na construção da observação analítica de segunda ordem. Por isso, Stockinger relembra a famosa frase de Gregory Bateson: **“Faça uma distinção!”**⁴³ e, Barbero, reafirma que o sentido original da comunicação é o de colocar em comum a experiência criativa⁴⁴

Isto instaura a noção de competência comunicativa como a principal destreza para esta luta, colocando a Comunicação Popular como a mais verdadeira e singular arma contra a exclusão social, no aumento de emissores e criadores e não de meros consumidores. Mas tal competência não deve ser confundida com aquela incitada pelos estudos funcionalistas da comunicação, a competência persuasiva, e sim, a competência na compreensão do outro, a competência solidária.

Concluindo, podemos ver então, que as viradas epistemológicas que acompanhamos

⁴¹A Lei que rege as concessões da TV a Cabo – Lei nº 8977/95 – obriga à utilização de cinco canais gratuitos.

⁴²Cf. Stockinger, 2003 Pgs 113-114.

⁴³Ibidem Stockinger. Pg. 114

⁴⁴Cf. Bibliografia. Moraes, Denis (Org), 2003. Pg. 69.

nos estudos da comunicação como um todo, após o período citado acima, são tão espetaculares, quanto o desenvolvimento tecnológico e, antes de privilegiarmos um ou outro, devemos assumir uma postura de visão holística do mundo ao nosso redor, da forma mais crítica possível deste planeta que tem girado muito mais rápido nas interpretações contemporâneas.

O pensamento na atualidade não tem mais como escapar da complexidade do mundo e sua simplificação servem apenas aos dogmáticos autores - aqueles que impõem uma interpretação do mundo entre o bem e o mal, para segregar o outro, para conservar a dominação e calar a indignação. A voz da Comunicação Popular é aquela que está e estará sempre para além deste “bem” ou deste “mal”.

**Título usado por Gottfried Stockinger no terceiro capítulo do livro, “A Sociedade da Comunicação, pg.113.*

6 Bibliografia

- BAKTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo. Ed. Hucitec, 6ª edição, 1992.
- BARBERO, Jesus-Martin. *Dos Meios às Mediações*. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 2ª edição, 2001.
- BOURDIER, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo. Ed. Perspectiva, 1998.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo. Ed. Edusp, 2ª edição, 1998.
- CAREY, James. *Communication as Culture: Essays on Media and Society*. Winchester. Ed. Unwin Hyman, 1989.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis. Ed. Vozes, 7ª edição, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1970.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 1978.
- GUATTARI, Felix & Suely Rolnik. *Micro-política: Cartografias do Desejo*. Petrópolis. Ed. Vozes, 6ª edição, 2000.
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro. Ed. Tempo Brasileiro, 1989.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2003.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários*. São Paulo. Ed. Página Aberta, 1991.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1976.
- LUHMANN, Niklas. *Sistemas Sociais*. México, 1989.
- MATURANA, Humberto e Francisco Varela. *De Máquinas e Seres Vivos: autopoiese – a organização do vivo*. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas, 3ª edição, 1997.

- MORAES, Denis de (Org.). *Por Uma Outra Comunicação*. Rio de Janeiro. Ed. Record, 2003.
- NEGRI, Antonio e Michael Hardt. *O Império*. Tradução Berilo Vargas. Rio de Janeiro. Ed. Record, 2001.
- PERUZZO, Cicília M. K. *Comunicação nos Movimentos Populares*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1998.
- PONTY, Merleau. *Fhénoménologie de La Perception*. Paris. Ed. Odile Jacob, 2003.
- STOCKINGER, Gottfried. *A Sociedade da Comunicação*. Rio de Janeiro. Ed. Papel Virtual, 2003.
- TAVARES, Julio César. *Ciência da Comunicação e Teoria Social*. Não publicado. 2004.